

06 MAI 1992

Crise moral e depressão

ECONOMIA
Brasil
CORREIO BRAZILIENSE

Augusto Marzagão

Dizia o controversido Ezra Pound que "os artistas são as antenas da raça", isto é, antecipam os futuros desenvolvimentos sociais e técnicos de uma ou mais gerações. Temos os exemplos eloquentes de Leonardo da Vinci, que previu o helicóptero e outros inventos só realidade séculos mais tarde; Júlio Verne, exemplo mais familiar e próximo, antecipou de quase um século a bomba atômica, o submarino nuclear, a viagem à Lua...

Essa a parte que fez sonhar sobre as maravilhas do gênio humano, preconizadas por artistas igualmente geniais. Mas George Wells também previu coisas inimagináveis em seu tempo, como a ruína da civilização industrial e o caos absoluto que se seguiria, dominado por tiranias terríveis, sem rosto e sem nome.

Já não rimos mais dos filmes de Mad Max, em que bandos anárquicos e sádicos cometem barbaridades em pequenas comunidades ilhadas no deserto. Os jovens sanguinários e destituídos de qualquer senso moral que povoam o filme *Laranja Mecânica*, antes uma remota ficção, já estão nas ruas, cometendo atrocidades inomináveis por um par de tênis. Não foi necessária uma guerra atômica para pôr em xeque a ordem social a nos levar de volta à selva, à barbárie.

Quem pode, refugia-se nos modernos castelos medievais, os condôminios fechados, duas pontes levadiças, guaritas, protegidas por seguranças fortemente armados; ou nas fortalezas de concreto em que se transformaram as residências dos grandes empresários. Os mais privilegiados, como Xuxa, trabalham de dia no Brasil e dormem na Argentina. É mais seguro e mais barato do que assumir o risco diário de um sequestro. Muitos empresários deslocam-se de helicóptero de casa para o escritório. E a classe média, coitada, entriceira-se como pode atrás de muros e grades em todas as portas e janelas.

Mas quem é esse inimigo terrível que ronda a porta, espreita do alto das árvores, controla os itinerários dos carros particulares, intercepta ônibus nas estradas, olha com avidez e ódio para o interior dos supermercados? Como acontece essa guerra misteriosa, em que o inimigo é invisível, pode ser o inocente garoto que lava o carro (ladrão de toca-fitas?), a empregada doméstica tão bem recomendada (sequestradora?), o vendedor que bate à porta (olheiro de assaltante?) o pipoqueiro da escola (um traficante?)...

Estamos em meio a uma guerra civil, que não é causada por ideologias, modelos de sociedade, ou divergências étnicas. É uma guerra errática, de todos contra todos, em que a palavra de ordem é só o "salve-se quem puder". Uma guerra sem honra, sem grandeza, sem objetivo, sem razão. Pivetes contra estudantes, baixada e favelas versus classe média, comerciantes contra consumidores, donas-de-casa versus empregadas, país x escola privada, sequestradores x empresários, go-



verno e estatais contra a classe média e os trabalhadores via aumento astronômico de tarifas, governo versus aposentados e funcionários, opinião pública contra políticos e administradores, cartéis contra o País, solapando qualquer política contrária à avidez de lucro, emissoras de TV versus valores morais básicos da sociedade e da família, minados por uma ampla campanha de desvalia e desagregação, e, enfim, banqueiros e FMI contra o Terceiro Mundo, extorquindo-lhe a poupança interna, dinamitando o patrimônio nacional e o aparelho produtivo das nações em desenvolvimento e, de quebra, gerando a desagregação de sua harmonia social.

Fala-se muito em crise moral é causa ou efeito da desordem econômica? Quem veio primeiro, o ovo ou a galinha? Eu diria que crise moral é da ordem do estrutural, refere-se à mentalidade predominante — a lei de Gerson, "levar vantagem", que se vem implantando ao longo de décadas, numa deturpação indecente do *self made man*, rompendo os laços da solidariedade e da responsabilidade sociais e pondo em xeque até a idéia de identidade nacional ("o Brasil que se dane, eu quero é me dar bem"). Não há patrimônio público que resista a uma atitude pessoal dessas e a uma atividade predatória e irresponsável que se erige em prática corriqueira e cotidiana dos cidadãos, que vêem nesse individualismo o valor maior.

É claro que muitos espertos, alguns mais instruídos, ou mais ricos, ou mais bem relacionados, enfim, os que já estavam bem, saíram aproveitar melhor as "oportunidades" oferecidas pela "queima de ofertas" ou "grande liquidação" a que assistimos.

O perigo é que um filósofo preeminente e pensador, um físico nuclear consciente, um engenheiro de talento, um médico dedicado, um trabalhador responsável, um funcionário que ainda crê no serviço público possam sentir-se, ao considerar

essa ética vigente, tolos e loucos varridos, por dedicarem tanto tempo e inteligência "para nada", enquanto que um bom agente da bolsa ganha em um dia quando um desses lunpem do Brasil ganhariam em toda uma vida.

Os perdedores são os demais "tolos": aposentados, trabalhadores que contribuem para as três, quatro aposentadorias acumuladas por algumas mais sortudas; os meninos de rua sem escola, porque o dinheiro não chegou onde devia, interceptado por outro esperto; a classe média tosquiada pelos impostos e tarifas públicas e prisioneira do medo; os desempregados, varridos das empresas pelos juros altos; o pequeno comerciante, massacrado pelos impostos e pela fuga do consumidor... É dessa multidão de perdedores que emerge o exército de marginalizados informados, reduzidos à impotência, mas planos de revolta, que vão saquear supermercados, planejar rústicos sequestros de vizinhos quase tão necessitados quanto elas, que vão depredar veículos gratuitamente, que vão atirar ao acaso, para qualquer lado, matando alguém que dorme em casa inocentemente, porque, na impossibilidade de conhecer as verdadeiras causas de suas desventuras, qualquer um que esteja porventura sorrindo será um bom culpado.

Crise moral é isso. Depressão também é isso. Depressão econômica, depressão psicológica de uma nação inteira, que já não sabe quem é, nem para onde vai. Empobrecida, sem crédito externo, sem poupança interna, sem projeto nacional, havendo perdido a perspectiva histórica, deprime-se a nação, sem mesmo saber que lhe resta um caminho, além do desespero, da indiferença, do conformismo ou do cinismo, que é buscar, seriamente, um novo caminho, contrário ao individualismo irracional e destrutivo, e favorável à crença sincera do bem comum.

■ Augusto Marzagão é jornalista e analista social